

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa -- 11 de Março de 1931

**5 TOSTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**251**

sempre  
**fixe** semanário  
humorístico



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

# MATOS SEQUEIRA



Além dos conhecimentos de Alfandega, possui os de jornalista, arqueólogo, literato, dramaturgo e outros «calleiros». Leve de carnes, acusa moralmente um «peso bruto». Esta página apenas paga a Matos Sequeira os direitos da pauta mínima da nossa simpatia, pois está bem longe do «ad valorem» dos meritos do ilustre escritor.



# Os ditos da semana



**Albino Pacheco** Por lapso que não tem desculpa—somos os primeiros a reconhecê-lo — a homenagem que no nosso ultimo numero quizemos prestar ao sr. dr. Albino Pacheco, saiu com o nome do falecido dr. Albino Valente.

E' uma gralha que nos arreliã, mas que todos os nossos leitores corrigiram logo á primeira vista, porque o sr. dr. Albino Pacheco é uma pessoa tão conhecida e tão illustre, no nosso meio clinico, que nem com a sua caricatura, nem com as referencias que lhe fizemos, se podem dar confusões.

Pedimos desculpa do lapso ao abalisado clinico e quasi que folgamos com o engano, por mais uma vez termos occasião de lhe prestar as homenagens da nossa amizade e da nossa consideração.

## Um grande negocio

Mil medicose quatrocentos farmaceuticos formaram em New-York, uma sociedade comercial que vendia licores como se fossem productos farmaceuticos, combatendo assim os rigores da lei seca, que, pelo visto, não encontra na America um unico defensor, senão no governo e, esse mesmo, ninguem sabe se uma vez por outra, não passará tambem pelo consultorio do seu medico assistente.

Com menos vinte anos de idade e sabendo o que hoje sabemos, teriamos dado outro rumo á nossa vida. Freqüentariamos as universidades americanas e as suas faculdades de medicina, para tirar uma carla que nos habilitasse a vender a doença a peso de ouro e a cura a preços modicos, porque já lá diz o ditado, que deve ser internacional: onde elas se fazem é lá que se pagam.

Duma destas nunca se lembrou o sr. Carlos Pereira, senão já se tinha formado em medicina. E então não havia mãos a medir: Era distribuir titos aos domiciliios e esperar pelos doentes no consultorio.

## Precipitação

A proposito do julgamento Waterlow, o advogado inglez falla muito na precipitação com que o Banco de Portugal se prontificou a trocar as notas falsas, por notas boas, mas ainda se não lembrou de recordar a «precipitação com

que Waterlow fabricou e entregou aos burlões, milhões de contos de notas boas, as quais eles transformaram em notas falsas, pondo-as em circulação por sua conta.

E' bom que o advogado se lembre de que o Banco de Portugal, fez a troca para que só andassem em circulação notas boas, e que Waterlow fez a entrega para que circulassem notas falsas.

A diferença é pequena, mas é diferença.

## Satanela Amarante

Satanela. Ponto. Amarante. Ponto. Assim é que está certo. Não é Satanela-Amarante, com traço de união, como tem publicado o nosso colega «Diario de Noticias». Pena é que na caixa tipografica não exista o traço de desunião, porque esse é que estaria a caracter.

Isto é apenas uma simples corecção, para pôr as coisas,

ou melhor, as pessoas no seu lugar, porque de resto não temos nada com a vida alheia.

Diremos sómente, sobre o caso, que achamos bem. Amarante, como Amarante que é, sente-se ainda verde e espumoso e não se resignava a uma vida artistica de continuas «reprises». Prefere uma «premiere».

## Homem-mulher

Aquela rapariga, ou melhor, aquele rapaz, ou ainda mais propriamente aquela mulher-homem que appareceu no hospital, tem dado que fallar, prestando-se o caso aos mais picarescos comentarios.

O caso não é unico, nem é sequer novo, mas o publico interessa-se sempre por estas coisas, porque o publico aprecia muito um bom petisco onde pode deitar o sal e a pimenta que lhe dá na gana.

A' ultima hora, porém, surge um pormenor que nos des-

orienta. Disse o «Diario de Noticias», que a Rosa-José ou o José Rosa,—o leitor que escolha o que mais lhe agrada—ia ser submetida á operação da apendicite.

Apendicite? Nós nunca andamos na Escola Medica, nem nunca nos dedicamos a estudos biologicos, mas sempre dissemos, desde que a noticia appareceu na imprensa, que aquilo era um caso de apendice.

E assim se confirmam os creditos do «Sempre Fixe»—sabio de primeira plana, enciclopedico e infalivel.

Ora cortem lá o apendice e acabemos com isto

## A nova estação

Acha-se quasi concluida a nova estação dos vapores, no Terreiro do Paço.

As nossas felicitações ao architecto.

Aquilo fica uma coisa linda.

Agora é só dar os ultimos retoques, e ei la pronta a receber o turismo universal.

Nós, porém, temos certas apreensões, sobre a resistencia do edificio. Não se dará o caso de que, quando forem a coloca-lo na posição devida, aquilo se desmorone?

Se fosse para ficar como está, não teriamos o menor receio. Mas quando o quizerem voltar com os pés para baixo não se escangalhará tudo? Sim, porque aquilo tem um grande peso e não ha-de ficar assim de pernas para o ar.

## DR. JOSÉ GENTIL



Grande medico, grande operador e grande professor, que não estuda os seus mercadinhos. E' um dos grandes de Portugal onde ha tanto pigmen a pôr-se nos bicos dos pés para que o vejam.



**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Solozias portuguezas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

**Anuncios** Isto, agora, é por tabela.

# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»

DR. ALFREDO CORTEZ



O pae da «Zilda» que «Domus»... licou a Maria Antonia, ali no Teatro Nacional...

ESTAMOS em maré de reconciliações...

Depois da reconciliação Ramada Curto-Antonio Ferro, seguiram-se as reconciliações dum conhecido critico teatral dum jornal da tarde com a distinta actriz Auzenda de Oliveira, e ainda a de Alexandre de Azevedo com a sua colega Ilda Stichini.

Em todas estas reconciliações houve a nota simpática dum beijinho...

Ramada Curto e Antonio Ferro oscukaram-se na face. O conhecido critico curvou-se reverente, e beijou a mão de Auzenda de Oliveira.

Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo tambem se beijaram, mas não sabemos onde...

Tantos beijinhos! Será amor?...

SEM comentarios!

Regressou da sua casa de Santarem o distinto actor Rafael Marques, que reingressou, não na companhia Ilda Stichini, como pode supôr-se, mas sim na companhia Aura Abranches.

ANUNCIOU-SE um duelo entre um actor doublé de jornalista e um empresario que explora a provincia.

E' o diabo! O actor-jornalista já anda nas... bocas do mundo!

O Sr. Prior agradou em cheio! Chaby Pinheiro, com um talento que consegue ainda ser maior: do que o Sr. Prior, em um grande papel.

No entanto, as honras da noite vão para o Samwel Denis que, no

Papa, papa para o papo todos os aplausos.

Já é queter ser mais papista de que o Papa...

UMA anedota autentica, passada durante um ensaio da extinta companhia do teatro do Gimnasio:

Um actor tinha no seu papel esta difficil palavra: *suponhamos*, que ele pronunciava sempre *suponhamos*.

Um dia, como a palavra não lhe soasse bem, foi ter com o ensaiador e disse-lhe:

— Olhe que esta palavra deve estar errada.

O ensaiador, com evangelica paciencia, ensinou-lhe a pronunciar e a articular a difficil palavra. Então, o actor, soberano da sua sabedoria, comentou:

— Ah, bom, assim está bem! Com a emenda que vocês lhe fizeram, já se compreende!...

OS escritores teatraes Avelino de Sousa e Alvaro Santos concluíram uma farça intitulada: *A Lei do Inquilinato*.

Oxalá que os dois escritores, no dia da *premiere*, não sejam «despejados» pelo publico...

ESTIVE no Luso o distinto escritor Lino Ferreira.

Então, no Luso, tambem se representam revistas francezas?...

CONSTA que os criticos Antonio Ferro e Cristovão Aires estão es-

crevendo uma revista para uma grande casa de espectaculos. Agora é que eles as vão pagar todas juntas!...

VAI representar-se, no Apolo, a revista *Toma, Teresa*.

Queira Deus que o publico não faça esse gesto depois de vêr a revista!...

NO cartaz do teatro Variedades mudam-se as datas, mudam-se os nomes dos artistas e muda-se, de longe em longe, o nome das peças.

Mas ha lá uma coisa que não muda nunca, que é perpetua. E' o nome do sr. Carlos Rodrigues como autor...

VAI mudar de côra plateia do teatro Apolo. Ainda bem, porque ela ultimamente tem-se visto azul...

VAI começar a miar, no teatro Variedades, o *Tareco*.

Informam-nos que, na noite da *premiere*, todos os gatos disponiveis vão ao teatro Variedades, agradecer aos autores da revista a homenagem que lhes é prestada!...

NADA dizemos sobre o *desenlace* Satanela-Amarante porque o publico já sabe tudo.

Quem parte, saudades leva?... Mas quem fica, saudades tem...

Na «premiere» da peça *Domus*, um espectador enervado com os cerrados e interminaveis discursos dos interpretes sobre o divorcio, a proposito de tudo e de nada, exclamou, nos corredores, alto e bom som a quem o quiz ouvir:

— Isto não pode ser! Vou tambem pedir a palavra!

A peça do Nacional não tem tido lá muito boas *domus*.

Os artistas defendem-se dizendo, invariavelmente:

— Nós *domus* o maximo do nosso esforço!...

O *Diario de Noticias*, de segunda-feira, num anuncio do teatro Avenida, publica o elenco em que figura Rafaela Marques, que vai desempenhar o primeiro papel masculino.

Deve fazer, com certeza, o papel em *travesti*...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

### NO MARIA VITORIA



Carlos Louz, Lopo Lauer e Maria das Neves: 3 pessoas disti e uma «revista verdadeira».

# Graça dos outros A Gracinda

A mulher, para o marido enfermo: — Estou escrevendo a minha mãe, dizendo-lhe como te encontras...

O marido: — Ah, sim?

A primeira: — Sim, mas tenho uma dificuldade. Como se escreve viúva: com b ou com v?...

\* \* \*

Na rua:

— Porque está o menino a chorar, se já lhe dei os cinco tostões que perdeu?

— Porque, se não os tivesse perdido, tinha agora dez...

\* \* \*

O marido: — Com o vestido velho que tens, não queres ir ao teatro, não é verdade?

A mulher, esperançada: — Claro que não, querido!

O primeiro: — Já calculava! Por isso comprei só um bilhete...

\* \* \*

— Então sempre vais para a Africa? E não tens medo das feras?!

— Não! Vivo com a minha sogra desde que me casei...

\* \* \*

Entre amigos:

— A ultima vez que estive preso foi por falta de velocidade.

— Queres dizer por excesso...

— Não, por falta! Roubei um automovel e fugi nele, mas a policia alcançou-me...

\* \* \*

No consultorio:

— E a operação será muito perigosa?

— O senhor sempre é muito exigente! Como queres que lhe faça uma operação perigosa por duzentos escudos?...

\* \* \*

A patrão: — Porque saiu da casa onde estava?

A nova criada: — Por não querer lavar os meninos...

Um filho da patrão: — Fica com ela, mamã!...

\* \* \*

O pai: — Minha filha tem trezentos contos de dote; mas, antes de dar a minha autorização para o casamento, tenho que pedir informações do senhor...

O pretendente: — Se não quizer incomodar-se, contento-me com cem contos...

No inverno passado, puz anuncio para criada. Apareceram varias, mas só com uma simpatizei e foi essa que ficou. Chamava-se Gracinda.

No verão, como é costume, fui para Cadelas com os tios, mas não a levei. Principia porque não precisava de criada e acaba porque fomos para hotel, e era carissimo.

Ausentei-me dois meses e, quando regresssei, já a cachopa tinha arranjado namorico com o leiteiro.

Um dia, de manhã, ainda eu estava deitada, ouvi um borbórinho na escada. Levantei-me imediatamente, mas quando lá cheguei não vi nada.

Tornei a deitar-me.

Era meio dia quando a Gracinda me veio chamar para almoçar. Aproveitei a ocasião para lhe perguntar o que tinha sido aquela desordem da manhã.

— Minha senhora... — começou a criada, como quem quer esquecer qualquer assunto.

— Bem bem. Deixa-te de tolices — disse-lhe eu. — Preciso saber o que se passou.

— Eu não sei se a senhora já sabe que namoro o Anibal, o leiteiro, desde que vim para aqui, faz no dia 8 de Novembro um ano, e, como até hoje ainda não falou em casar, esta manhã descompu-lo.

— Mas não é com descomposturas que tu consegues casar mais depressa — disse-lhe eu. — Leva as coisas com paciencia porque o dictado diz que «atraz de tempo, tempo vem».

\* \* \*

No outro dia, repetiu-se a mesma façanha, mas quando lá cheguei também nada vi.

— Afinal, o que vem a ser isto?!

— gritei-lhe desesperada.

— O' minha senhora, então aquele maroto não está a duvidar de mim, da minha honra?

— Não tenho nada com isso. Se não se acham competentes um para o outro, acabem o namoro, na certeza, porém, de que desordens todas as manhãs não quero.

\* \* \*

No dia seguinte, quando a Gracinda foi tomar o leite, já eu estava no quarto independente, para escutar o que eles diziam. E, assim, observei que, enquanto ele media o leite, dizia a criada:

— A senhora tem ouvido a zangata que temos feito todas as manhãs, e disse-me que, se você não tem potencia para casar comigo, é melhor terminarmos o namoro.

HORTENSE BORGES.



— Sabes Maria, enguli o botão da camisa!  
— Ora até que enlim que sabes onde ele está.

## BEM SEI EU...

O pobre do Acurcio passava neste momento um dos transeis mais dificeis da sua vida atribulada. Falho de recursos por se encontrar desempregado, tinha ainda por cima o azar de ter o sogro em casa e ás portas da morte. O pobre velho, já cansado duma vida também levada dos diabos, ia sucumbindo aos poucos, apesar de todos os socorros prestados por um distintissimo medico, doublé de director de diversas empresas e variadissimas companhias de seguros e de muitas outras especles.

O bom do Acurcio, aflito por não ter já com que pagar as contas do medico e as contas dos remedios que vinham da farmacia, dava tratos á imaginação para conseguir arranjar o dinheiro preciso não só para a liquidação dos debitos, mas também para se poder sustentar a ele e á numerosa familia.

Depois de muito pensar, o Acurcio lembrou-se de que havia um antigo camarada dos bancos da escola e que na sua infancia tinha sido bastante amigo e que, já depois de homem, o amigo, que tinha enveredado pela estrada da sorte e era director de uma importante empresa, varias vezes lhe tinha oferecido para o auxiliar quando fosse necessario.

Muito contente por se lembrar daquele amigo, o Acurcio foi imediatamente ter com ele e conseguiu falar-lhe.

— Meu querido Justino, — Justino era o nome do seu grande amigo — venho pedir-te um grande favor que tu decerto não recusaras servir-me, porque já varias vezes te ofereciste. Eu estou numa situação aflitiva; só tu me podes valer. Tenho o meu sogro muito mal e ainda por cima me encontro desempregado. Pedia-te o grande favor de me emprestares três contos de réis.

O Justino ouviu tudo aquilo, ficou muito o Acurcio e disse-lhe:

— Quem diabo é o senhor que se atreve a pedir-me dinheiro sem eu sequer o conhecer?

O Acurcio ficou meio aturdido e replicou:

— O' Justino! pois tu não me conheces? Eu sou o Acurcio, o teu companheiro de colegio, o teu amigo de infancia. O' Justino, tu não digas que não me conheces.

— Senhor! — berrou o Justino. — Retire-se. Não tenho a honra de o conhecer!

— Tu não me conheces?! — gritou, desvairado, o Acurcio. — Então já não me conheces! Pois fica sabendo que não duras mais do que vinte e quatro horas.

E, ao chegar lá, o Acurcio não pôde op que uma grã de Acurcio.

O Justino ficou a pensar no caso e, como era muito supersticioso,

correu a chamar o Acurcio e disse-lhe:

— Anda cá. Eu empresto-te o dinheiro. Agora, eu é que já me lembro quem tu és. E' três contos, não é? Pois toma-os lá. Mas agora has de dizer-me porque é que eu não duro mais do que vinte e quatro horas.

— Não sou eu que o digo, é o medico.

— Mas eu não fui ao medico.

— Pois não, mas o medico é que foi esta manhã vêr o meu sogro, que está muito mal, e como o meu sogro já não conhecesse o medico, este disse-me: «Isto é mau; quando eles já não conhecem as pessoas, não duram mais que vinte e quatro horas». Ora tu também já não me conhecias e, portanto, devias estar nas mesmas condições...

FERNANDO D'AVILA.

## Socialismo

Entre opulentos banqueiros, um triste remediado dizia-se socialista em santo ardor inflamado.

Em seu parecer sincero, as terras e o capital deviam ser repartidos entre todos por igual.

E com tanto brilho se houve, defendendo tais ideias, entornando no auditorio claras razões ás mancheias,

que um mendigo que escutara o discurso extraordinario, abraçando-o, lhe chamou «caro correigionario».

— «Perdão, perdão, meu amigo, (logo o outro interrompeu) sou socialista... mas só entre os que tem mais que eu!»

ANTONIO AMARGO.



— Já não é preciso apertar os hombros porque não já chagou.

— Por isso mesmo estou a ver se consigo que não liguem para lá...



— Está mal; tem 40 grant de febre.  
— Isso não faz diferença. Ele está acostumado ás altas temperaturas; é fogueiro de bordo.



— Muito rimel usa a Fernanda nos olhos!  
— Ramela... queres tu dizer.

## TAC-TAC-TAC

A propósito da representação assaz intonsa, apresentada por alguns médicos às chamadas estações competentes, sobre o aumento de seus honorários e concomitantes fórmulas de levar o Zé-pagante a pagar mais, muitas anedotas se teem contado acerca de Esculápio e Snagareios.

Que eles apanham cada pinhão que é de alombar o mais pintado, isso é fóra de duvida e de muitos sei eu que mais trabalharam para os caloteiros do que para os clientes que conscienciosamente pagam ao medico.

Dum joven clinico sei eu que, para estrela, logo encontrou um formidavel borlista que o engazou com certa graça.

Fôra chamado para vêr uma senhora que caíra desastadamente na escada da sua residencia. E ficára encantado com o luxo dos aposentos e a distinção daquela familia. Sobretudo o dono da casa não se cançava de o rodear de amabilidades: doutor para aqui, doutor para ali; sente-se doutor; deseja alguma coisa doutor?...

Quatro, cinco visitas, a doente já entrara em franca convalescença e o incipiente Galêno deu a sua missão por terminada. O dono da casa ficou de passar no dia seguinte pelo consultorio, para o informar do estado da doente e «desobrigar-se do seu indeclinavel dever» (na sua pitoresca expressão).

Mas não apareceu no outro dia. Mesmo até nunca mais tornou a aparecer.

Até que um dia, o doutor X, que ia a lêr no electrico, levanta os olhos do jornal e dá com eles no seu interessante primeiro cliente.

— «Oh, doutor, como está vossa excellencia? Que pena só agora o ter visto! Ha tanto tempo que desejava ir procurá-lo. Mas não me tem sido possível. Se me dá licença, desço aqui. Ah, é verdade, doutor, ainda não tive o prazer de lhe dar o meu cartão. Aqui o tem. E passe vossa excellencia muito bem».

Tudo isto disse o homem, sem despegar, takqualmente como aquelas pistolas dos lamentáveis desas-

tres que disparam os oito tiros da carga sem descontinuar.

O medico guardou, sorrindo, o cartão. Mas, apenas o seu companheiro de viagem desceu do electrico, apressadamente o tirou da algibeira e leu:

L... de M...  
(D. Fastidio)

Redactor dos Kidiculos

Escusado será dizer que o insigne publicista nunca mais appareceu ao medico que, hoje, trinta anos após aquele facto, ainda conserva aos caloteiros o titulo de D. Fastidios, os quais proliferam assustadoramente.

Tambem, por outro lado, conheci um medico de aldeia que tinha já estabelecida a seguinte tabela de tratamentos:

«— Pobres que nada podem pagar, receita-se-lhes um purgante e já estão com sorte.

— Os que possam pagar alguma coisa, observam-se e visitam-se, receitando sempre.

— Os que são ricos ou estão gravemente doentes, ou estão em perigo de isso, devem ter uma assistencia medica o mais frequente possível. Remedios em caixinhas seladas.»

E assim fez uma fortuna, sem ter morto mais gente que a maioria dos seus colegas.

Lembra-me, para fechar, a do dr. Filipe.

Era um distinto medico, bonacheirão e simpatico. Mas tinha uma particular embirração com as pessoas que lhe pregavam a partida de lhe não pagar os seus serviços.

Um dia, ia passando pelo Terreiro do Paço, ouve gritar em tom afflictivo:

— O' dr. Filipe! O' dr. Filipe! Manda parar o automovel e vê aproximar-se dele o conhecido senador (três vezes ex-ministro) Lourenço Lopes.

— O' doutor, pelo amor de Deus! Desculpe incomodá-lo. Sabe, estou aflitissimo com um ataque de hemorroidal e tenho de ir para uma sessão do Conselho Superior. Dê-me o doutor um remedio...

O dr. Filipe abriu a portinhola do carro, deixou propositadamente juntar-se um magote de mirones e respondeu pausadamente:

— Ora então o meu caro sr. Lopes faça o favor de deltar as calças abaixo para eu vêr isso.

— O quê, aqui, sr. doutor — exclamou espavorido o senador — aqui, no Terreiro do Paço?!

— Mas, então, não foi aqui mesmo que o senhor me consultou? Eu, para recetar, tenho de vêr a parte combalda...

E, fechando a portinhola novamente, partiu logo, deixando o senador Lopes embasbacado com a resposta de se pôr nã... no Terreiro do Paço.

CYRANO DE VELHOFRAC.

## Cacharollete Elevador da Gloria

Estando á Bénard encostado,  
A vêr passar as mulheres,  
Eu pensei que era engraçado  
Se um dia a divi:ca Céres  
Atravessasse o Chiado...

Se a deusa, que possuia  
Toda a classica beleza,  
Tão pujante e tão sadia,  
Passasse na Baixa um dia  
Corriam-na com certeza.

E' que o recente modelo  
Das modernas elegancias  
Prescreve, sem ter apelo,  
Que a mulher corte o cabelo  
E quaisquer protuberancias.

Hoje a beleza precisa  
Da magreza exagerada.  
E a mulher desde petiza,  
Parece uma taboa lisa  
Que fosse muito aplainada.

A Moda não dá direito  
E proíbe com rigor  
Que as senhoras tenham peito  
E o mesmo diz, com respeito  
A's ancas e ao posterior.

São tão delgadas, franzinas,  
Desde os pés ás omoplatas,  
Hoje as fórmãs femininas,  
Que as adoráveis meninas,  
São imensamente chatas...

JOAO FERNANDES.

Porque será que as creanças,  
quando a gente lhes require:  
— Do que é que gostavas mais  
ser homem ou ser mulher?  
respondem todas á uma  
que é preferivel ser homem,  
e insistem nesse desejo,  
por mais razões que se somem  
p'ra lhes demonstrar que, emfim,  
se o ser homem é ideal,  
o ser mulher não é menos  
e tem vantagem real?

O homem é quem trabalha  
p'ra sustentar a mulher,  
e a mulher só come e ralha  
e dorme as horas que quere.  
Porque razão querem, pois,  
ser homens as creancinhas?  
Só p'ra poderem usar,  
em vez de saias, calcinhas?

Lembrei-me disto, ao acaso,  
por vêr hoje nos jornais  
a noticia da mulher  
que, tendo um sexo a mais,  
respondeu ao cirurgião  
que a havia de operar:  
— Posso ser as duas coisas?  
Só homem quero ficar!  
Mal repartido anda tudo  
que é distribuido á gente!  
Com tanta gente que qu'ria  
poder ser «independente!»...

O HOMEM DOS TIMBALES.



— A mulher não tem a mesma de que os homens.  
— Naturalmente!  
— Naturalmente, algumas... Artificialmente, todas!

Para a caça:  
A mulher: — Que espingarda levas?

O marido: — A que tenho! Só dou fé de uma!

A mulher: — Tens duas!

O marido: — Mas a outra não funciona...

A mulher: — Tanto melhor! E' sempre bom evitar um acidente...

★ ★ ★

No tribunal:  
O juiz: — Então o réu matou a sua mulher e o seu pai? Como explica os crimes?

O réu: — Eu não sou má pessoa!... Mas a minha gordura entristece-me muito! E, como o medico me disse que só as emoções me emagrecem, não tive outro remedio.

★ ★ ★

Num salão:  
— O que succedeu a teu marido?  
— Ganhou um premio num concurso de xadrez e está muito preocupado.

— Porquê?  
— Porque e completamente calvo e deram-lhe um frasco de loção para o cabelo...

★ ★ ★

Na bilheteira dum teatro:  
O homem: — Faça favor de me vender dois bilhetes para hoje, nas quero-os em bom lugar!  
O bilheteiro: — Perfeitamente! E' casado ou solteiro?...

★ ★ ★

Ele: — Se eu morresse, como me muito desgosto, Alice?  
Ela: — Que pergunta! Não sabes que choro por qualquer coisa?...

★ ★ ★

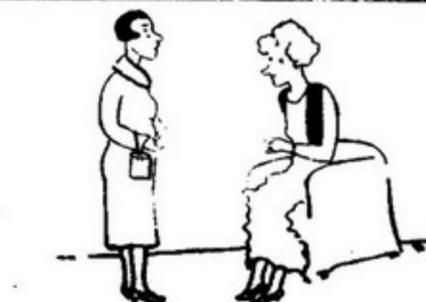
O marido: — Os homens parvos são sempre os que teem as mulheres mais bonitas!  
A mulher: — Como és adulador, meu queridinho!...

★ ★ ★

Num café:  
— Deixei cair cinco tostões! Se os achares, dá-mos!  
— E se nao os encontrar?  
— Guarda-os para ti!...

★ ★ ★

— Vês aquela mulher que ali vai? Pois é a mulher mais perigosa que ha em Lisboa!  
— Sim?!  
— Sim! Sabe guiar automoveis!



— Não, uma outra tinha a diarr.  
— Não, porque comer a comida  
que fôra a minha tem de mandar vir a comida para mim dum restaurant...

# GUIA PRÁTICO DO AUTOMOBILISTA

Quem não tem hoje um carro? Desde o carrinho, de lha, elegante, ao carrão de 8 lugares para fazer dominó na cara dos vizinhos, encontra-se com certeza o modelo que nos agrada. Nesta altura do século XX, já não é próprio dos homens desconhecer por dentro e por fora o automóvel, quando ha já mulheres que conduzem e outros bichos inferiores que reconhecem a sua existência.

Vamos procurar dar algumas noções práticas sobre o automobilismo na sua fase actual, regras de bem conduzir, estado das *pannes* e seus curativos, firmando-nos na experiência dos principais azes do volante; a nossa honestidade literaria leva-nos a deolarar desde já que no que nos referimos a *acidentes mortais* seguimos o método dedutivo porque todas as grandes vítimas dos automóveis tem conservado um mutismo que é do mais puro segredo profissional.

## Dos carros e sua historia

— Diz-se que foi Gil Vicente o inventor dos autos moveis. Ora apresentava as suas representações em Almada, ora em Lisboa.

— Da historia universal sobre o automobilismo consta que a primeira *gavage* que appareceu foi em Veneza. Era o palacio dos *Dodges*.

— Todo o comprador de um automóvel pela primeira vez deve fazê-lo em segredo, senão endoidece com os conselhos. Começa por ter *lala*, mas por fim *Roice* de desespero por não saber que escolher.

— Se tem muitas invejosas, compra o teu carro as escondidas; e quando elles menos esperarem, dá-lhes com o *torpedo* nas ventas.

— Escolher um tipo de *carrosserie* é para muitos homens pior problema que escolher uma mulher; *as pernas abertas, fechadas e fechadas à frente e abertas só por detrás*.

— Um carro economico deve consumir 10 litros aos cem quilómetros. Os americanos, apesar da lei seca, bebem mais. Ha em Lisboa alguns ingleses que consomem 1 litro aos 5 quilómetros.

— Não se deve ter um automóvel sem ter boa pronuncia francesa: desde a *mise-en-marche* á *atrapage*, tudo é lingua de fóra.

— O automobilismo é difficil de aprender porque, na *instrução*, os mestres começam por ensinar: põe-se um pé sobre o travão, outro no acelerador, outro no pedal da *embragem*.

— O ideal em automobilismo é ter amigos com automóveis ou ter automóvel e não ter amigos.

— O egoismo do automobilista é não fazer carros de menos de 4 cilindros. Ha tanta gente que seria feliz só com um *cilindro*!

## Da mecanica e indumentaria

— O melhor *chauffeur* dos tem-

pos antigos é aquele que tem um fato de pele de urso, oculos de vidro e capacete á D. Sancho. Hoje, porém, em automobilismo já poucos fazem figura de urso.

— Ha varias especies de *macacos* num carro. Os macacos azuis, sem rabo, e os macacos de crescer, quando se lhe torce o rabo. Ha tambem carros com *macaca*...

— A navegação por automóvel é a mais heterogenea da sciencia moderna: para o carro andar é preciso velas, cavalos e, ás vezes, até um *burrinho* ajuda aquele conjunto!

— Quando um carro de varios cavalos tem a manha de se virar para o lado da estrada, onde haja relva ou pasto, diz-se que é *levado da brecage*.

— O automobilista economico deve adquirir primeiro um «quatro cilindros» e, á medida que se fór entusiasmando, mandar acrescentar mais dois ou quatro. Os cilindros, como varias outras coisas da vida, só se poem aos pares.

— O *escape aberto*, todos sabem o que é. Não ha ninguém que não tenha andado uma vez de típoia ou trem, ou carroça, ou qualquer outro veiculo puxado a cavalos...

— Nos *carros com tampa*, não se deve colocar a sogra atrás. Se o carro dá *ratés*, a respeitavel senhora é vítima dum falso testemunho.

— Cada litro de gasolina custa

cêrca de 4 rodas. Não sair no carro é pôr um travão... ás 4 rodas.

## Das «pannes» e seus curativos

— É raro um automobilista que não consegue um *furo* ao fim de algum tempo de ter automóvel.

— Quando um carro não quer andar depois de muito instado, recomenda-se um toque com uma chave inglesa no *trigemio*; passa a andar logo sem *muletas*.

— No inverno deve-se fechar o *ar* o mais possível por causa das correntes. Não ha nada pior do que um motor *gripado*; *espirra*, *pinga* e tem de estar de cama um mês.

— O automobilista não deve atirar-se ás *raparigas* do campo em dias de festa. Arma-se uma grande *panne* e volta-se para casa com uma *biela* partida.

— Se é uma dama que conduz o carro, não deve ir *sósinha*, nem andar de noite pelas estradas. Pode haver *panne* ou *desastre*, e se não levar *pára-choques*, *reg. essa* com os *amortecedores* partidos, *as molas* em baixo e alguns *dentes* a menos na *corôa*.

— Se a dama conduz um carro acompanhada de homem só, tem de ter cuidado com as *derapages*.

— Quando um carro não anda, depois de se fazer *coegas* no *títillador*, é deixá-lo: é porque *embraiou* para ali.

— Se na estrada encontrares um automobilista em mangas de *carriola*, a dar voltas a uma manivela que os carros tem á frente, já sabes qual é a *avaria* do carro: tem a corda partida.

— Quando um carro sobe o *Conde de Redondo*, a dizer *Ai, Jesus! Ai Jesus!*, o remédio é meter-lhe oleo novo; é claro, oleo de figado de bacalhau.

— A's veezas, os 180 cavalos dum carro de 4 cilindros ou mais tomam o frelo nos dentes. O melhor remédio para esta doença da velocidade é um policia de transito.

## Das regras de bem conduzir

— A estrada é a amante do automobilista; deve ter alguma *areia*. Prefere-se muito recta, muito *macia*, mas as curvas entusiasman.

— Uns *sinaleiros* dão grande encanto ás estradas.

— Quando vires *sinaleiro* vermelho em frente é porque o transito está impedido.

— Todas as estradas vão dar a Roma — é um proverbio fóra de uso. Hoje diz-se: todas as estradas vão dar ao Hospital, o caso é *gular* mal!

— A *poeira* é o pó d'arroz da estrada. A *gasolina* o seu perfume. Quando ha *rouge*... coitado do transeunte!

— Quando vires dama de *condute* duvidosa, faz *marcha* *atraz*... dela.

## Do jogo do pião e do automóvel

— Chama-se pião o ser ou animal que anda, gira, avança, recua, corre e pára, dança e tropeça em frente dum automóvel.

— Além dos piões, encontram-se pelas estradas outros animais, como galinhas, cães e ciclistas, que jogam muitas vezes os quatro cantinhos com o carro.

— Antigamente, os cães ladravam e corriam atrás dos automóveis. Hoje já não se atrevem porque sabem que vão morrer por experiência propria.

— O ciclista é o germen dum automobilista autosugestionado que não se afasta porque julga que o seu carro é de grande velocidade, embora se esquecesse de duas rodas na *garage*.

— Proverbio de Salomão ao lêr o *Codigo da Estrada*: A vingança do pião ha de ser o *camião*.

— É desnecessario buzinar para que as arvores se afastem. Tambem é da arte de bem conduzir não usar o *klaxon* nas povoações, porque as galinhas e as crianças passam logo para o lado oposto.

— Quando um pião está a *dormir* no meio da estrada, deve haver todo o cuidado ao passar-lhe por cima. Em geral, ou é um *traído*, ou um *maluco*, ou um *surdo*; em resumo, um grande *ponto*... Quando o carro pára em cima dele, diz-se que está em *ponto* morto.

— Não se deve dizer: «foi um atropelamento de *primeira*», porque em primeira não se atropela ninguém.

— O pião vaidoso é aquele que escolhe o carro que deve atropelá-lo; ao chegar lá cima, ao céu, diz radiante a S. Pedro: «Era um *Packard*! Se fosse um *Ford*, ainda cá não tinha chegado!»

— Estes mandamentos resumem-se em dois: *andar de automóvel sobre todas as coisas, e atropelar o proximo que não tem o mesmo*.

ARMANDO FERREIRA.

## Scenas do Paraíso



A serpente: — Minha senhora: o peccado está na mesa...

## A minha amiga Rosa

Pelo Entrudo, fui convidada para ir jantar a casa da minha amiga Rosa, amiga e colega, por sinal.

O jantar estava marcado para as sete horas. Por acaso, eu, nesse dia, tinha almoçado mais cedo e comido menos, para que o apetite não faltasse à hora precisa.

Eram sete menos cinco, fui lavar as mãos, assim como os outros convidados, esperando com ansiedade a entrada na casa de jantar.

Deram as sete, as oito, as nove; enfim, era meia noite, e nada. Embora com vergonha, fui obrigada pela fome a perguntar se o convite tinha sido para jantar ou ceiar.

Os convidados eram cada vez mais. Tentei perguntar novamente se o convite tinha sido para o chá.

Resposta nem eu.

Já passava das duas horas, quando o pai da minha amiga Rosa entrou na sala e disse:

— Eu venho pedir irênsa desculpa, mas, quando fiz os convites, tinha quasi a certeza de receber o dinheiro dum trabalho que fiz ha dois meses. Como não me pagaram, não posso cumprir a minha palavra.

Todos se foram embora; só eu, como já era tarde, fiquei até de manhã.

Estava a vestir-me para sair, bateram a porta. Abri. Era o correio, com uma carta para o sr. Fausto, ou seja o pai da minha amiga.

Curiosa como sempre, procurei saber com grande interesse o que ela dizia. Conseguí ler. Era o seguinte:

«Amigo Fausto: — Lamento não censuro, a vergonha por que ontem passou. Para que esse caso se não repita, entregue-se à literatura e verá que pode, como eu, de hoje a um ano, oferecer uma ceia no Maxim's. — Seu amigo, Silva.»

H. B.



— Não gosta dos meus discos?  
— Estou a gostar imenso minha senhora; são soberbos...

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

O proximo numero do

# KINO

Sai amanhã

# DESSPORTOS

## Internacionais e nacionais

Um italiano que vive em Lisboa, pessoa ilustre a todos os títulos, perguntou-nos porque é que o desafio internacional Portugal-Italia não se realiza em Lisboa. Explicámos. A sua surpresa foi grande.

— Como é que isso é possível?

Sim. E' possível. E' possível que a politica pessoal, que é afinal a origem do conflito Associação de Lisboa-Federação de Portugal, afaste, ou faça afastar Lisboa de uma alta competição internacional, para a qual, e em defeza das cores nacionais, devia ser inventada uma plataforma. Claro que não é pelo facto de os jogadores de Lisboa entrarem que a victoria se garante; mas garantem-se melhores resultados ou, pelo menos, faz-se por garantir.

Mas o italiano amigo não entendeu, e contou-nos:

— Lá obra não seria possível, porque os governos se metem nisso. Seja em sport, seja em sciencia ou no que for, o nome do pais, mesmo para os que não sympathizam com sport ou com foot-ball, não pode estar sujeito a desaire por qualquer caturrice. Em França para um jogo de rugby com o pais de Gales a autoridade interveio para fazer alinhar o «melhor» e impôs.

Em Italia, para a Taça Florio, Nazaro, incompativel com a Fiat, não queria correr. E não havia outro.

Mussolini chamou Nazaro e disse-lhe «Você corre». O outro objectou isto e aquilo. «Você corre». Depois chamou Agnelli, o director da Fiat, e disse-lhe: «Nazaro corre». Agnelli objectou isto e aquilo. «Nazaro corre». Pôs um de frente do outro e repetiu: «Nazaro corre, que a bandeira italiana exige. Corre e vai ganhar. Passem muito bem».

Nazaro correu e a Italia viu subir a sua bandeira.

E mais nos contou o italiano:

— Quando a Italia perdeu em Lisboa soube-se porque foi. Os meus compatriotas passaram quasi toda a noite na pandega. E os portugueses, jogando bem, aproveitaram a fraqueza. Pois quando a equipe chegou a Milão, o governador chamou-a e, por ordem do Governo, repreendeu-a e tirou aos culpados regalias que usufruíam.

O capitão foi, em Roma, chamado à presença de Mussolini e foi-lhe retirado o direito de usar certa condecoração que tinha.

E concluiu o nosso amigo italiano:

— Como é possível que Portugal contra Italia não reuna os seus melhores? Se os italianos sabem isso, podem até maguar-se...

Isto que estamos contando, além de veridico, não tem graça nenhuma para o *Sempre fixe*. Não tem graça. Mas o que tem pilhas de graça é que toda a gente pensa como nós, e que as pessoas, e não os principios ou ideais, que dividiram o foot-ball e o anulam, riem, riem e dizem:

— Deixá-los falá-los que eles calarão-se-hão-se...

Fixes.

\*\*\*

«Verdade que, analisando os jogos desta epoca, se verifica que a logica nunca presidiu aos seus desfechos».

Isto diz um critico, com justiça. Mas a logica em foot-ball é como a logica no pano verde. Lá porque o 15 se negou até o 35.º golpe, não se segue que saia no 36.º.

Se saísse, havia logica, mas não havia... jogo.

E' de esperar que em breve se forme um club «Logica Foot-ball Club». Entram logo para a direcção os srs. Salazar Carreira, José Maria Ribeiro, Maia Loureiro e Oliveira Duarte.

E dois dias depois ha uma dissidência. Ou a logica... é uma baltata.

\*\*\*

«Esta epoca, os jogos teem primado pela violencia».

Claro. Já o outro dizia: — Vocês querem que se jogue a bola com punhos de renda?...

\*\*\*

O certo é que o rugby ganha terreno. Apesar de serem 15 em vez de 11, teem juizo. E o oval vai trepando pelo esferico, a pouco e pouco. Digam o mal que quizerem do sr. Salazar Carreira. Mas no rugby o seu bom-senso predomina.

PEDRO GOLIAS.

## Prosa de Cha-Velho

As corridas de galgos com lebres mecanicas, levando assim ás cidades o desporte que só no campo era possível com autenticas lebres, creou uma nova legião de «aficionados» que se me afigura entender do assunto tanto como eu. E note-se que, na sua maioria, são antigos «aficionados» tauromaquicos, cansados dos toureiros modernos, e antigos «ganaderos» vindos a menos, porque passar de touros a galgos pode ser uma necessidade economica, mas é tambem passar de cavalo para burro...

Quanto a mim, confesso entender tão pouco de galgos que, recentemente, cai no seguinte fracasso de observação:

Seis galgos corriam, em redor da pista, atraz da lebre mecanica, que desliza sobre fios e na mesma direcção. Um dos cães, abandonando os companheiros, volta a traz e vai esperar ao caminho a lebre, que necessariamente por ali havia de passar. E agarra-a, sem se cansar na volta completa que os outros tiveram de dar.

Este cão classifiquei-o eu — para mim — de inteligente, fino e excepcional.

Pois não é tal, segundo me disse um entendido. Este cão é um grande ordinário, e o que ele fez é indício mau e semelhante áqueles do touro que salta a trincheira e dá equivalentes provas de boi...

\*\*\*

Este meu erro de visão recorda-me outro, por mim já referido, e que ao catedratico espanhol Miguel de Unamuno se atribue.

Estava Unamuno num café de Salamanca, em que se discutiam touros, e saiu-se com esta:

— «Para mim, o touro excepcional não é esse a que se chama bravo e comete a tolice de investiu com picadores que o castigam, com toureiros que o burlam e, como suprema impreudencia, com uma espada que o mata. Para mim, o touro admiravel é o que, entrando na praça e percebendo aquilo que o espera, faz por evitar o ridiculo, tentando até fugir, e só investe pela certa e para se vingar do homem que o ha de matar».

Foi um pouco á maneira de Unamuno, e usando de semelhante raciocinio, que eu classifiquei de excepcional áquele cão ordinário, que cortou caminho para agarrar, pela certa, a lebre que os outros perseguiram ingenuamente, isto é, como autenticos galgos, magnificos, finos...

PEREZ LA CHAISE.



— Mãã; deixa-me ir ao jardim ver o cometa?  
— Pois sim, vae, mas não te aproximes muito...

## Transformações de Jolas

Joalheria e ourivesaria. Os melhores artistas. Obras proprias á vista do publico. Os preços muito baixos porque se faz ao particular e preço porque fabricamos para todo o pais.

JOALHARIA MORAIS, Rua Nova do Almada, 98 e 54 Tel. 2 7662



Para atravessar uma rua... Ordinario marche! esquerdo direito... esquerdo direito... cabeça bem levantada...

Quereis dinheiro?

Jogal no

# Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

# ECOS DA SEMANA



AFIM DE ASSEGURAR OS CABELOS ÀS MADANAS SO SERÃO CONSIDERADOS DOUTORES EM "ONDULATION" OS CABELEIREIROS QUE POSSUAM AS CADEIRAS DE QUÍMICA E RESISTÊNCIA DE MATERIAIS

O LANÇAMENTO NO ESPAÇO DE PEQUENOS AVIÕES EM LATA POR UM "BRECQUET" DA AO INIMIGO A ILUSÃO DO ATAQUE POR UMA GRANDE ESQUADRILHA. O EFEITO É SURPREENDENTE. PARA SUA EXECUÇÃO ACEITA-SE TODA A LATA NACIONAL.



DESDE QUE CONSTOU DA LONGEVIDADE NO HYMALAIA A AGLOMERAÇÃO DE CASAS É ASSUSTADORA



SÓ A VINDA DOS TARECOS PARA A RUA PODE CHAMAR AS ATENÇÕES PARA A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA.



APENAS UMA GRANDE "CACANÇA" PODE JUSTIFICAR A AUTONOMIA DA BACIA DO SADO -



E O AMARANTE VAI AMARANTES À OUTRA SATADELE